

## **Os impasses de adolescentes frente suas escolhas: contribuições da prática psicanalítica para a pesquisa**

Bela Malvina Szajdenfisz

A adolescência é uma decorrência da moderna noção de família e de infância, uma invenção que se firma, na cultura ocidental, no século XX, quando também se dá a descoberta revolucionária de Freud com a inscrição da psicanálise como ‘ciência’ do inconsciente. É uma fase que exige do jovem um trabalho subjetivo de alta complexidade, um para além do sujeito, um trabalho de elaboração de que algo falta naquele que fora até então seu ideal e que já não o é mais na adolescência; um trabalho exaustivo de desligamento do ideal das referências infantis e uma premência em construir suas próprias referências, estas por vezes designadas por seus pares – os adolescentes (Szajdenfisz; Sadala, 2010). É fato que o adolescente é um sujeito suposto adolescente, pois nem todos atingem a adolescência numa mesma época, além do que nem sempre é possível atingi-la, como no caso da psicose. Por outro lado, o elaborar as perdas e sair em busca de outros representantes ao longo de sua existência é um passo decisivo que exige dos pais ou substitutos, um poder suportar seus próprios aniquilamentos através dos filhos (Alberti, 2004), o que não é sem dor, mas como dizia Drummond, possível sem sofrimento.

Duas categorias teóricas em Lacan são consideradas fundamentais na causação do sujeito: alienação e separação. São operações constitutivas do sujeito do desejo. A alienação é fundante, constitui o sujeito. O sujeito alienado é um sujeito do significante, ou seja, ele toma o significante do campo do Outro<sup>1</sup> para, posteriormente, dele se separar. Separar-se dos pais na adolescência é um processo que exige um experimentar prescindir dos pais o que o leva a atitudes de rebeldia que se contrapõem a regras, a ordens, numa tentativa de assumir um novo lugar de filho. Como é difícil fazer cair esses pais ideais enfraquecendo-os e deles se separando! Como é difícil os pais deixarem seus filhos “se parirem” como sujeitos desejantes! Strauss (2000) ressalta que o separar-se deve partir dos filhos e não dos pais. Relaciona-se a um querer. Supõe uma vontade de sair, uma vontade de saber para além do que ele possa dizer.

---

<sup>1</sup> O Outro é uma categoria criada por Lacan para designar uma ordem significante que o adulto próximo (pai, mãe ou substituto) encarna.

Ao tomar o significante do campo do Outro para dele se separar, o sujeito adolescente aponta para o término da circularidade de sua relação com esse que não é mais seu ideal. Essa virada vai possibilitar o acesso ao campo da transferência de novos investimentos libidinais, mas é preciso que haja uma aceitação e uma cumplicidade desse Outro com o desejo do adolescente. Em não havendo diálogo entre eles, pais e filhos, o resultado pode ser um sofrimento psíquico sem fim.

Uma das consequências do difícil desligamento da autoridade dos pais é o adolescente deparar-se com a responsabilidade de seus atos. A não elaboração do sujeito em relação aos pais da infância pode fazer advir, como efeito de identificação do sujeito com aquele que falha, uma depressão que traz consigo sentimentos negativos, falta de vontade e pouco ou nenhum investimento em suas escolhas.

Ainda no século XIX, Freud descobre que a função sexual existe desde o início da vida humana. Em 1905, em seu terceiro ensaio, ele trabalha a puberdade (como se refere à adolescência), identificando um reforço pulsional edipiano e a instauração de um segundo tempo de escolha de objeto. É um dos trabalhos essenciais da adolescência é a elaboração das escolhas. Estas são determinantes para as posições que serão assumidas posteriormente, como adulto.

Para Freud a verdadeira escolha do sujeito é poder escolher seu destino, identificando-se às indeterminações inconscientes tanto necessárias quanto impossíveis de dizer. Ribeiro (2001, p. 7) refere-se ao encontro com o real do sexo como um momento dramático da possibilidade de o encontro do ato sexual fazer cair o véu levando o jovem a encarar o impossível da relação sexual. Alberti (1996, p. 10) toma a adolescência como o paradigma dos impasses do sujeito diante da confrontação com a impossibilidade de relação de completude entre os sexos. A autora (1996, p. 121), ressalta que a clínica psicanalítica com adolescentes é uma clínica que introduz o sujeito adolescente na crise, não para adormecê-lo, mas para implicá-lo, pois, em acordo com a autora, a crise de adolescência existe porque o homem é um sujeito em crise e esta se dá pelo fato de que a sexualidade, muito antes de fazer sentido, faz furo no real, um real que não cessa de não se inscrever.

O desligar-se para fazer escolhas implica interessar-se por, desejar algo que lhe falta. No entanto, diante de um tempo sombrio como o que vivemos, em que não há garantias de futuro, como e onde cada sujeito pode investir sua libido? Quando se trata de escolhas adolescentes, podemos pensar nas escolhas da infância incidindo na divisão do sujeito e que desembocam em um desamparo. Como se situam esses pais diante das

escolhas dos filhos? Como eles suportam a assunção de um filho em uma nova posição subjetiva de vida sem se despedaçarem?

A longa trajetória profissional com adolescentes de classes sociais diferentes permitiu nos aproximarmos de suas inquietações frente a seus atos, dúvidas profissionais e incertezas em seus projetos de vida. Ao mesmo tempo que ficam encantados com esse momento de muitas descobertas, eles ficam impactados diante da responsabilidade que terão de assumir em um mundo conturbado, violento e assustador.

Várias frentes de trabalho subjetivo se mostram ao sujeito adolescente no seu processo de adolecer. O escolher aponta para impasses que acompanham o sujeito por toda a vida, mas na adolescência surgem questões desafiantes: o inconsciente que o sujeito não reconhece como Eu e que foi constituído a partir da incorporação dos pais da infância, o aprender a servir-se do próprio corpo que não reconhece como seu, a posição do sujeito na partilha dos sexos, o despertar para o real do sexo que não existe, o convívio social com seus pares e, dentre outras, a barreira na escolha da profissão em uma idade de difícil decisão. Impõe-se, ao final do ensino médio, uma emergência na escolha de profissão, mas os jovens têm questões que ultrapassam à exigência dessa escolha, questões que vão muito além e das quais não conseguem dar conta.

A escolha da profissão pode estar referida a uma modalidade de gozo ou a uma conjuntura de laço social na qual o sujeito esteja inscrito, como podemos ver com Robson, voraz leitor durante o período escolar que, aos 14 anos, “fera” em matemática, acabou fazendo Ciências Sociais em função do estado de pobreza dos seus. Hoje, aos 49 anos, passou a se dedicar ao estudo da culinária vegana<sup>2</sup> por causa de um filho que nascera com um problema de saúde, o que nos faz pensar no sujeito que precisou dar um giro na profissão, em função de suas questões familiares e de seu desejo, unindo a necessidade e a experiência de vida à realização de um projeto sempre sonhado: a gastronomia.

A prática psicanalítica nos permite trazer, nessa relação pais-filhos, exemplos de impasses concernentes à escolha de profissão, já tão dificultada ante as mudanças mundiais meteóricas nessa área:

Caso 1:

---

<sup>2</sup> Culinária vegana: um termo que se refere aos alimentos preparados segundo os padrões vegetarianos e que não incluem carne ou qualquer produto de origem animal.

Ana, uma jovem de 16 anos, vivia sem nenhum interesse pela vida. Dormia no quarto dos pais, no chão, desde os 14 anos, porque tinha medo de seres sobrenaturais. Suas amizades eram sempre masculinas e ficava com os amigos por ficar. Os pais não consideravam relevante esse fato. Incomodavam-se com a filha no quarto somente quando ambos queriam ter sexo. Sempre que chamados à atenção para o fato de estarem dividindo o quarto, renovavam junto à filha o desejo de que ela saísse do quarto, dando-lhe um prazo, mas a cada período esgotado, desistiam evitando brigas. O dormir no quarto dos pais era justificado com um “Tenho medo de ficar sozinha”. Achava que no seu quarto tinha espíritos (o pai era espírita). Quando o pai começava a brigar por isto, a mãe encobria o problema e ia dormir no quarto da filha, pois temia que ela, contrariada, resolvesse sair de casa, alimentando assim seu sintoma e mantendo-a junto a eles. Diante dessa sua realidade, ficava deslibidinizada. Sentia-se deixada cair.

#### Caso 2:

Bianca, 17 anos, segundo os pais, começou a namorar e passou a entrar e sair de casa sem falar com os pais. Trazida para a entrevista por imposição da figura paterna, entrou na sala misturando sua fala com choro. Aos poucos foi revelando que, apesar de não saber exatamente o que era a Psicologia, sempre se sentiu atraída pela profissão. Em um determinado momento, interrompeu a fala e voltou os olhos para seu entorno. Não aceitava outra escolha. Queria ser psicóloga. Mas os pais a queriam convencer que Direito tem mais frentes de trabalho. Queixava-se de sua dificuldade em andar na cidade, de seu desejo de ficar com o namorado, mas sentia-se travada. Culpava-se por decepcionar os pais: “No esporte, sempre me esforcei ao máximo para atender a meu pai, que é aficcionado em natação. Cheguei a ser de ponta, sofri muita pressão, mas abandonei tudo.” Os pais não aceitaram essa ruptura e, pouco depois, decidiram mudar-se para outra cidade sem darem maiores explicações. A libido é a presença efetiva do desejo em Bianca. Essa jovem estava tentando romper com os pais da infância e dar vez e voz ao seu desejo. Mas, ainda que quisesse voar, suas asas eram cortadas a cada tentativa em fazê-lo.

#### Caso 3:

Clara, quando adolescente, escolheu fazer jornalismo, mas até hoje, aos 28 anos, ainda não avançou em sua profissão. Fruto de pais adolescentes, aos quatro anos de

idade presenciou uma separação litigiosa do casal. Aos sete anos conheceu aquele que viria a ser seu pai - drasto. Mãe e padrasto, ambos professores, seguiram carreiras universitárias e viveram, por um tempo, com a família no exterior, o que lhe valeu um inglês de excelência que lhe permitiu trabalhar como professora. Na adolescência reencontrou o pai biológico por ocasião do vestibular e sua mãe a obrigou a cobrar o pagamento de seus estudos, pois acabara de ingressar na faculdade. Pelo não cumprimento do prometido, sua mãe induziu-a a abrir um processo contra o próprio pai, o que a levou a uma acareação na justiça, submetendo-a ao olhar “irado” do pai que, em sua fantasia, não queria mais vê-la.

Um trabalho em análise possibilitou uma aproximação pai-filha aos 22 anos, mas até agora sem sucesso. Continua dizendo: “Ele é um estranho para mim. Quero ele a um braço de distância.” A jovem reluta em não revelar esse encontro com o pai biológico aos pais que a criaram. Com isso, fica escondida do desejo, insatisfeita, numa identificação ao pai biológico que, apesar de ter a mesma profissão da mãe e do padrasto, não avançou academicamente. Essa jovem repete o fracasso desse pai, não seguindo seus estudos acadêmicos e nem avançando em sua profissão que iniciara lindamente, mas que precisou abandonar em função de seu casamento.

Clara sempre se viu como uma borralheira<sup>3</sup>. Quando menor, exercia funções de organização da casa, cuidava da meia irmã, bem mais nova, enquanto sua mãe trabalhava. Mesmo quando em melhor situação financeira, a mãe nunca lhe comprou roupas de marca, o que ela própria não consegue fazer até hoje, confirmando esse lugar de borralheira. A palavra “borralheira” faz equívocidade com o significante “borrar”, “manchar”, o que faz pensar no padrasto que prometeu lhe dar seu sobrenome, de família importante na região, e nunca o fez. Essa jovem tem em sua carteira de identidade o sobrenome do pai biológico, mas só usa o da família materna. O não ter o nome do pai adotivo a tornou uma exceção, fazendo valer o pai biológico, o pai que foi descartado ao se separar dela. E ela se fez exceção, na medida em que não escolheu trabalhar na Universidade, nem seguir a profissão da família.

---

<sup>3</sup> ‘Borralheira’: que gosta de ou costuma ficar na cozinha, junto ao borralho. (Aulete, Caldas. Minidicionário de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003). Usada como metáfora, pode ser referência à Gata Borralheira, personagem de um conto de fadas conhecido como Cinderela, a história de uma jovem que vivia com sua madrasta malvada, junto de suas duas filhas que a transformaram em uma serviçal. Ela tinha de fazer todos os serviços domésticos e ainda era alvo de deboches e malvadezas.

Verifica-se em Clara uma divisão em relação à filiação. Identifica-se à mãe com seu sofrimento e sua avareza. E ao pai biológico, com o seu insucesso profissional. Como sujeito dividido, ora quer saber da verdade, ora não quer saber nada disso, sustentando a fantasia com seu sintoma, e suscitando do Outro, um olhar a mais, denunciador do amor ao pai faltoso.

Gostaria de finalizar com uma situação vivenciada por um jovem de 19 anos, Marcos, que, por falta de opção inscreveu-se o ano passado em uma Universidade Pública para cursar Artes Plásticas, mas não seguiu em frente. O seu sonho sempre foi ser jogador de futebol. Comentando com o pai sobre tal carreira, foi desestimulado e ainda ouviu do pai que já estava muito velho para ser jogador. A mãe, furiosa, ao perceber o quanto isso era importante para o filho, buscou recursos para proporcionar ao filho a realização de seu sonho. Mãe e filho saíram em busca de suporte técnico, de um clube que o preparasse e uma agência de intercâmbio esportivo para jogar em um clube no exterior. Ela se empenhou em dar ao filho uma chance de experimentar e ver se é isso mesmo que ele quer. Fez o seguinte comentário: “Ele é muito novo e pode escolher mais tarde se achar que não é o que ele quer. Eu até hoje, com 50 anos, quero fazer mestrado e não sei que área seguir.” Após imenso esforço, esse jovem conseguiu ser selecionado para fazer parte da equipe em um Clube de Málaga, com um contrato inicial de dez meses, e ainda poderá se aprimorar em línguas, com aulas de espanhol e inglês.

Adolescer ou adoecer? Quando vemos neste século XXI jovens entre 14 e 25 anos que nem estudam, nem trabalham, que ficam a maior parte do dia em seus quartos reclusos, isolando-se dos amigos e familiares, refugiando-se nas redes sociais com falsos perfis e com dificuldades cada vez maiores de inserção no mercado de trabalho, em um total desconforto que equivocadamente é considerado como incapacidade e falta de iniciativa, como direcionar o tratamento?

Sabemos que a experiência analítica é comandada pelo real. Ao analista cabe levar o sujeito a deparar-se com sua falta constituinte e direcionar sua vida para um além das referências; fazer sustentar um discurso marcado pelo impossível, um para além do dito, extraindo as consequências desse dizer com sua verdade. A verdade toca no real. E do real só se extrai uma parte. Cito Lacan: “A verdade, é impossível dizê-la toda porque, materialmente, faltam palavras” (1993). Mas ela, a verdade, também se deixa dizer por atos.

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

FREUD, Sigmund.(1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas*.Rio de Janeiro: Imago,1972.v.7.

LACAN, Jacques. (1952). *O mito individual do neurótico* ou *A poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. (1972-73). *O seminário livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar Editor,1985.

\_\_\_\_\_. (1973). Nota italiana. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003, p. 311.

\_\_\_\_\_. *Televisão*, Rio de Janeiro: Zahar Editor,1993.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Da Infância à adolescência. Uma passagem. *Revista Marraio*, Rio de Janeiro, n.1, p. 7-9, 2001.

STRAUSS, Marc. Separar-se de seus pais. *Revista Marraio*. Rio de Janeiro, n. 0, p.11-23, set. 2000.

SZAJDENFISZ, Bela Malvina; SADALA, Gloria. O adolescente e suas escolhas. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 35- n. 1, p. 253-263, jan./abr. 2010.